

A Social Constructivist Approach to Translator Education: Empowerment from Theory to Practice, de Don Kiraly

Marta Rosas

KIRALY, Don. *A social constructivist approach to translator education: empowerment from theory to practice*. Manchester, UK: St. Jerome Publishing, 2000. 207 p.

Com o seu *A Social Constructivist Approach to Translator Education: Empowerment from Theory to Practice*, o professor Don Kiraly, da Escola de Lingüística Aplicada da Universidade do Mainz, vem preencher uma lacuna de importância crítica nos cursos de formação de tradutores. A julgar pelo que descreve Kiraly, a situação vigente nesse tipo de curso no âmbito da Alemanha não se afasta muito desta que vemos no Brasil: lá, a tônica da prática pedagógica também recai no transmissionismo, partindo do pressuposto de que alunos são tábula rasa e professores, fonte exclusiva do conhecimento. Segundo essa visão, não há muito lugar (quando o há) para o *design* de cursos que se fundamentem nas características e necessidades específicas dos principais envolvidos e interessados: de um lado, o mercado de trabalho e, do outro, os alunos, que, assim, continuam sendo objetos, ao invés de sujeitos, de sua aprendizagem, conforme são treinados para fazer desde a alfabetização. Embora professores e instituições não ignorem o quanto as conseqüências disso são funestas para o espírito crítico, a autonomia, a responsabilidade perante a própria aprendizagem e o desempenho profissional dos aprendizes, é raro que se faça alguma coisa para mudar a feição dessa prática – por pior que estejam as coisas, sempre é tão mais fácil deixá-las como estão... Quando digo que as conseqüências dessa que, infelizmente, se consagrou como prática pedagógica padrão são funestas, não me restrinjo ao setor da formação de tradutores. Todos sabemos do pouco prestígio e da pouca prioridade que tem a educação no Brasil, do despreparo, da mediocridade do nível geral de competência dos alunos e – naturalmente – dos professores, da falta de verbas (nas instituições públicas), da transformação do ensino em mercadoria (nas particulares) etc. etc. Mas no caso desse setor, a questão se complica um pouco mais – e por razões históricas mesmo. Refiro-me à paradoxal “juventude” dessa profissão tão antiga: em primeiro lugar, o surgimento de cursos especificamente dedicados à tradução é relativamente recente em todo o mundo e, em segundo, o mercado

de tradução foi um dos que mais rápida e radicalmente mudaram com a consolidação do uso do computador e o advento da Internet e da globalização.

Se, por um lado, os cursos de que estamos tratando aqui existem há apenas umas poucas décadas, isso deixa supor, entre outras coisas, que ainda não existe uma proposta de metodologia própria para a formação, não apenas de aprendizes, mas também de professores de tradução. De fato, o que quase sempre encontramos na área é uma metodologia intuitiva, "impressionista", baseada em modelos importados de outras áreas e nos padrões impostos pelas instituições responsáveis pela oferta desses cursos. Sem entrar no mérito da validade dessa metodologia, o que é indiscutível é que ela dificulta a obtenção de resultados que contribuam para a sistematização de procedimentos que forneçam alguma garantia de eficácia na formação de tradutores para o mundo real. Ou seja: pelas mais diversas razões, fazem falta, nas instituições que se dedicam a essa formação, educadores que saibam fazer pesquisa em suas turmas e reconhecer os conhecimentos e qualificações – que não podem ser presumidos estáticos, pois estão em processo de constante mudança – necessários a seus alunos, criando ambientes propícios à construção de uma competência profissional fundada na realidade.

Por outro lado, a sensibilidade à evolução que sofreu a profissão é indispensável também ao adequado dimensionamento do peso que devem ter nos programas desses cursos tópicos como as ferramentas do tradutor – hoje, mais que disponíveis, imprescindíveis – e a sua capacidade de trabalho em equipe, por exemplo. Os tradutores viram sua profissão sofrer uma drástica mudança nos parâmetros e na *praxis* ao longo dos últimos 10 ou 15 anos: até essa época, a "competência tradutória" resumia-se a compreender um texto escrito em outra língua e produzir, com base nesse, um texto de chegada "adequado". Os textos circulavam exclusivamente em papel e, na melhor das hipóteses, eram enviados pelo correio.

A tradução era uma atividade realmente solitária. Embora o profissional competente sempre tenha precisado de diligência e inventiva para buscar as informações necessárias, encontrar soluções e cumprir prazos, sua prática não passava, como hoje na maioria das vezes passa, pelo uso das "ferramentas de tradução": programas destinados a facilitar e agilizar o trabalho do tradutor, permitindo sua divisão sem comprometer a qualidade, a uniformidade e a coesão do texto final. Além disso, com a Internet, as listas de discussão especializadas, as salas de *chat* e toda uma série de recursos e fontes, mesmo a prática da tradução estritamente "literária" perde seu caráter de isolamento: as quatro paredes agora são o mundo. O ritmo do trabalho, enviado por e-mail ou fax, é acelerado. Os prazos encurtaram, mas também o processamento do texto, com as facilidades de edição e correção, é muito mais ágil que no tempo da datilografia. Muitas vezes, é preciso dividir projetos com um ou mais colegas, que

podem perfeitamente estar em outros continentes. Dividindo a responsabilidade pelos projetos, o grupo (que muitas vezes inclui consultores da área trabalhada) pode estabelecer contato por e-mail e, através da interação contínua, garantir a uniformidade de formatação, terminologia e estilo, com uns fazendo revisões para os outros. Nesse contexto, colaboração é a palavra-chave. Tudo isso exige versatilidade e cumprimento de vários requisitos extrínsecos à tradução *per se*, entre os quais a proficiência no uso de *hardware* e *software* de última geração assume importância estratégica para a própria sobrevivência do profissional.

Quanto à especialização, atualmente a questão não é tanto dominar uma área antes de começar a trabalhar, mas sim ter a capacidade de adquirir o conhecimento adequado em novas áreas conforme o necessário, à medida que essa necessidade se revela, desenvolvendo uma sensibilidade muito aguçada quanto a tipos e normas textuais. Como já não é possível prever, com anos de antecedência, qual a área na qual se trabalhará após a graduação, é crucial para o aprendiz adaptar-se às demandas de um mercado que muda a cada instante. Assim, a capacidade de "farejar" novos temas e saber como e onde pesquisá-los com rapidez e eficiência é, mais do que nunca, essencial a qualquer profissional, seja ele tradutor ou não.

Tudo isso aponta claramente para a necessidade de reformulação dos currículos dos cursos de treinamento, não apenas de aprendizes, como também de professores de tradução. E é nesse ponto que o livro de Kiraly se revela instrumental. De acordo com a perspectiva socioconstrutivista, as pessoas não têm outra opção a não ser criar ou construir sentidos e conhecimento através da participação na interação intersubjetiva que o filósofo Richard Rorty chamou de "a conversa da humanidade". Para o autor, a validade de qualquer abordagem pedagógica depende de nossa capacidade de identificar e defender o sistema de crenças em que se baseiam as nossas decisões educacionais, desde o desenvolvimento do currículo até o planejamento das atividades de sala de aula e das avaliações da aprendizagem. Dentre as várias implicações daí decorrentes, destacam-se a necessidade de uma reconsideração dos papéis de professores e alunos, a adoção de uma nova perspectiva da função e da natureza da avaliação e a reorientação dos próprios objetivos dos cursos.

O método sugerido por Kiraly é apresentado em 9 capítulos que, além de explicitarem sua base teórica, fornecem também exemplos retirados de sua experiência de mais de 10 anos em sala de aula. Tudo é explicado de forma tão lúcida e inteligente como o próprio método, inclusive a parte referente à alternativa para o problema da avaliação de desempenho, que merece todo um capítulo. Não sendo objetivo, esse método, que é proposto como ponto de partida para a reflexão e a prática docente e discente, impressiona pelo seu caráter lógico, prático e, principalmente, viável.

O grande objetivo é permitir aos aprendizes desenvolver seu "eu profissional" e conscientizar-se de sua responsabilidade como participantes ativos de um complexo processo comunicativo onde desempenham um papel cuja importância, com a globalização, se vai tornando cada vez mais reconhecida. Assim, o método visa a emancipar os aprendizes, possibilitando-lhes construir a competência exigida para lidar a contento com uma série de antigas e novas tarefas do tradutor, de modo a poderem agir (comunicar-se) eficazmente em comunidades paralelas de peritos em diversos campos: usuários educados de várias línguas, especialistas em áreas técnicas e usuários de ferramentas tradicionais e novas tecnologias voltadas para a comunicação interlingüística profissional. Entre os "efeitos colaterais" desses objetivos, inclui-se a capacidade de trabalhar de forma cooperativa com os colegas e de aprender a continuar aprendendo por conta própria após a graduação. O sucesso da aprendizagem socioconstrutivista depende da capacidade de monitorar o próprio progresso sem orientação, característica reflexiva particularmente importante após a graduação, já que os potenciais clientes e empregadores esperam que, além de saber também trabalhar em equipe, o tradutor tenha iniciativa para agir com independência, resolvendo sozinho eventuais problemas.

A mudança de foco do professor, não tanto para o aluno, mas para o próprio processo de aprendizagem, visa a promover uma autonomia que é um fenômeno não apenas de grupo, mas também individual. Com isso, a responsabilidade pela aprendizagem se transfere a quem de fato deve arcar com ela: o aprendiz. O professor deve tornar-se um guia, consultor e assistente, voltado para a preparação do terreno para eventos de aprendizagem que permitam a seus alunos transformar-se em tradutores profissionais através de atividades de tradução reais – ou pelo menos realísticas – em toda a sua complexidade, levando em conta ao máximo os fatores que entram em jogo no dia-a-dia do profissional: os prazos apertados, as expectativas e idiosincrasias dos clientes, a falta de consistência terminológica de determinadas indústrias, o jargão próprio de uma determinada atividade ou empresa e os erros e falhas (inclusive de coerência, coesão e até precisão técnica) dos textos de partida, escritos muitas vezes em "global English" por falantes não nativos.

Aplicado à área de treinamento de tradutores, o conceito da aprendizagem através da ação autêntica, que é fundamental na educação socioconstrutivista, implica que a aquisição de habilidades tradutórias consideradas profissionais demanda a familiaridade com tarefas de tradução igualmente profissionais, realizadas com a colaboração/orientação de um tradutor profissional. Para Kiraly, as aulas "clássicas" de prática de tradução tendem a ser claramente inautênticas, desmotivantes e des emancipadoras, além de estarem geralmente muito longe do mundo real. Nesse aspecto, as atividades convencionais de sala de aula costumam ser híbridas no sentido de serem atribuídas a uma comunidade (por exemplo, a dos tradutores

profissionais), mas serem implementadas de fato em outra (a acadêmica).

Para evitar isso, o método busca tornar o ensino-aprendizagem "situado", ou seja: colocado em relação à experiência prévia dos alunos (a seu conhecimento de mundo) e ao comportamento profissional alvo. A melhor maneira de conseguir isso, segundo Kiraly, é tornar o projeto de tradução publicável o carro-chefe da prática em sala de aula, logo após uma introdução aos estudos tradutórios, na qual os alunos teriam a oportunidade de aumentar o seu grau de percepção da natureza da competência tradutória, entendida como uma interação lingüística complexa, altamente individualizada e dependente do contexto social e de processos culturais, cognitivos e intuitivos.

A proposta do *translation project workshop* como alternativa para o formato de aula destina-se a propiciar um fórum para o debate e a construção – situada, interativa e emancipadora – de sentidos por todos os participantes, inclusive o professor, que deve assumir o papel de facilitador. Quando a crítica, a discussão, a negociação e a colaboração, se tornam ingredientes-chave na apropriação de conhecimentos em todos os subdomínios da educação do tradutor (inclusive o lingüístico), os aprendizes têm maior probabilidade de ganhar a segurança de saber do que estão falando e como falar, pré-requisito para a produção de textos de qualidade profissional em qualquer área.

Em síntese, os princípios do método proposto por Kiraly são: 1) Como as mais valiosas experiências de aprendizagem são também experiências autênticas, é fundamental situá-las; 2) As experiências de aprendizagem que se inserem nessa categoria imbuem-se sempre de múltiplas perspectivas; 3) O trabalho verdadeiramente colaborativo é parte essencial de toda experiência de aprendizagem; 4) O objetivo de cada aula deve ser a elaboração de soluções múltiplas e viáveis (em vez de "corretas") para problemas que emergem naturalmente de projetos autênticos; 5) Em vez de ensinar aos alunos respostas corretas (a verdade), o professor deve colocar-se como tarefa pedagógica criar uma base de sustentação para a aprendizagem desde o início do curso e ir gradualmente cedendo o controle sobre o ambiente de aprendizagem aos próprios alunos; 6) As aulas devem ser pensadas como *workshops* de aprendizagem sociocognitiva, para que os alunos, que estão na periferia da comunidade de tradutores, possam aos poucos apropriar-se do discurso dessa comunidade até dela tornar-se membros competentes, de fato e de direito.

O autor frisa a importância da prática da tradução não apenas para sua atividade docente como também para a própria confecção do livro: "foi pelo fato de traduzir profissionalmente que aprendi (e continuo a aprender) a traduzir". Já que uma das principais tarefas do professor socioconstrutivista é representar a comunidade na qual os aprendizes querem ingressar, os professores de tradução devem ser profissionais ativos da tradução ou, pelo menos, ter ampla

experiência profissional na área. Assim, será mais fácil levar para a sala de aula projetos reais (evidentemente, com a aprovação do cliente) ou ajudar os alunos a buscá-los, permitindo-lhes fazer exatamente o que os profissionais fazem: traduzir textos de verdade, para clientes de verdade e leitores/usuários de verdade. Tendo em vista o persistente distanciamento entre a academia e a comunidade de uma forma geral, o que isso pressupõe não é pouco, pois no contexto de muitas de nossas faculdades, os professores de tradução, além de não serem tradutores (ou por isso mesmo), não se preocupam em propor a seus alunos tarefas realísticas.

A Social Constructivist Approach to Translator Education destina-se principalmente aos professores de tradução, atuais ou prospectivos, que se encontram insatisfeitos com os modelos dominantes de ensino e desejam uma alternativa que sirva de base para abordagens eficazes e gratificantes, tanto do ponto de vista institucional quanto pessoal, para a educação de tradutores. Para os encarregados de programas e grades curriculares, ele significa um estímulo para repensar as atitudes e qualificações desejáveis não apenas nos tradutores que forma, mas especialmente nos candidatos a professor, bem como o tipo de treinamento que lhes deve ser oferecido. E, para os alunos de tradução, representa um convite a repensar seus papéis e responsabilidades se quiserem tornar-se bons profissionais, abraçando a aprendizagem como uma proposta de vida.